



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 07 – Ano IV – 05/2015  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **A escuta profética e não profética na alteridade: uma reflexão a partir da ética de Lévinas**

Silvério Costella

Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Brasil

Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5115718096692271>

E-mail: [silveriocostella@yahoo.com.br](mailto:silveriocostella@yahoo.com.br)

**Resumo:** A presente reflexão aborda dois modos de acolher o outro em sofrimento, pela natureza profética e não profética. Por um lado se refere à escuta do outro, visando aos interesses do eu, com atitude onipotente, autonomia da consciência e ausência de sensibilidade. Está associado ao discurso teológico alienante, articulado por falsos profetas. A outra tendência acolhe ao outro em sua miséria, assumindo a responsabilidade por ele, sendo a condição para a identidade subjetiva, numa relação de heteronomia, associado ao discurso do verdadeiro profeta. Esses modos de hospitalidade representam dois pólos traiçoeiros entre si, pela vizinhança de irmandade entre o bem e o mal, o bom e o mau profeta.

**Palavras-chave:** escuta, bem, mal, profeta.

## Introdução

O texto aborda a ética fenomenológica frente a duas tendências da alteridade, um modo profético e não profético. Contudo, faz referência também à teologia para ilustrar a noção profética e pela proximidade entre filosofia e teologia no que tange ao papel da alteridade referido por Lévinas. Aponta que, o caminho para a ética é o bem, mas pode ser confundido com o mal, isto é, o falso profeta confundido com o verdadeiro, assumindo um discurso escrito ou falado, como “receitas” para lidar com o problema do sentido humano, ou mesmo para curar doenças emocionais ou físicas. E isto é feito com muita sutileza, sendo confundido com o discurso teológico. “O ponto de partida do pensamento filosófico levinasiano é a escritura considerada como fonte não-filosófica da filosofia [...] compete ao discurso filosófico confirmar e legitimar as afirmações bíblicas” (Junior, 2005, p. 124), mas sem desmerecer sua natureza epistemológica. “O pensamento religioso [...] é para Levinas não menos universal que o pensamento científico genuíno na disciplina de epistemologia filosófica” (Cohen, 2004, p.4). Na teologia o discurso ético não garantiu a hospitalidade do outro. “...a ética do testemunho [...] ocasiona uma ruptura da idolatria, ou seja, da apreensão do divino nos limites da visibilidade do olhar humano e da verdade do Ser” (Fabri, 1997, p.153). É o discurso profético pautado na sensibilidade ao outro. Mas há o discurso sedutor onde predomina os próprios interesses em detrimento ao outro, como induzi-lo a contribuir em forma de doação em determinado culto religioso, sendo um sinal visível de falta de sensibilidade às condições de miserabilidade. Portanto, uma ética de testemunho, como um “...desencantar permanente da sedução e da violência...” (Fabri, 1997, p. 185), que mantém o outro em esquecimento.

Do mesmo modo, no campo da saúde, há os que dispõem de uma atitude autêntica para suportar ao outro, e os que seguem o rigor de uma relação de troca, onde a “qualidade” do acolhimento está diretamente relacionada à natureza dos honorários. A fala sedutora do falso profeta pode ser confundida com a fala do verdadeiro profeta, onde o outro é incapaz de sair de sua sujeição ao engodo do falso discurso. “O mal sedutor e fácil é, talvez, incapaz de romper a passividade da sujeição...” (Lévinas, 1993, p.100). “...o discurso precisa *justificar-se*. [...] Para Lévinas, todo pensamento é um *falar*, e para falar é preciso um *responder* que exige

o afirmar-se do eu no discurso” (Fabri, 1997, p.115). Diante da ética, a relação com o outro é desejo desinteressado<sup>1</sup>. A partir da ética em Lévinas, com ênfase em *Novas interpretações talmúdicas*, emerge um critério para desmascarar o discurso enganoso que reduz o outro aos interesses do eu. O discurso filosófico entra no horizonte da teologia. Lévinas refere que “o pensamento filosófico deve [...] poder abranger Deus- de que fala a Bíblia – se Deus tem um sentido (Levinas, 2008, p. 87). Implica no exercício de uma escuta profética que pode se estender a todos. “Quando introduzo a noção de profetismo não me interesse pela noção de oráculo” (Levinas, 2008, p.65). ). “...a palavra de Deus deriva [...] da Natureza de Deus [...] a sabedoria e o porvir derivaria dela [...] esse porvir não pode ser conhecido filosoficamente e é o profeta quem o percebe....” (Levinas, DL, 2004, p.170). A mediação para o absolutamente Outro, passa pela a escuta do outro e não uma relação vertical, como equívoco do discurso teológico, excluindo a face do outro.

Procurou-se contrastar a reflexão em duas situações de acolhimento apresentadas em *Novas Interpretações Talmúdicas*, a partir de: (1)“vida tranqüila e medíocre, uma vida longa”, como verdadeiro profeta, e, (2)“vida perigosa, uma vida curta”, (Lévinas, 2002, p. 61), como falso profeta; um “convívio” com o bem e o mal, representando uma “...bipolaridade axiológica. Mas o mal pretende ser o contemporâneo, o igual, o irmão gêmeo do bem” (Lévinas, 1993, p.100). Porém, opostos necessários à ética anárquica levinasiana.

### **Aguçando a escuta de Outrem a partir do outro**

A vulnerabilidade é o ponto de partida para sensibilidade e escuta desinteressada pelo outro. Os judeus “puderam sentir na carne a força mortífera dos mitos e símbolos consagrados pelo nazismo. Ao mesmo tempo puderam ouvir a voz do Altíssimo [Deus vivo], que clama por meio das inúmeras vítimas inocentes, atropeladas pelo sistema totalitário” (Buck,1997, p.49). O mal, a injustiça, tem um papel paradoxal, tornou os judeus vulneráveis e receptivos a voz de Outrem. Isto não se deu de fato na teologia tradicional, vertical, onde, o Deus soberano “atendia”

---

<sup>1</sup> Mesmo na área de atendimento profissional, considerando que os honorários são parte do tratamento, como na psicoterapia, [legítimo frente a ética profissional], na ética anárquica não se justifica essa relação de “prestação de serviço e honorários”, pois se corre o risco de visar o outro em vista aos interesses do si mesmo.

os pedidos do eu a partir da fé “interesseira”, predominando o egoísmo, ausência de vulnerabilidade e sensibilidade, impossibilidade de escuta do Altíssimo, um Deus “morto”. “A teologia [...] com sua pretensão de ser logos [...] passa a ser inaceitável diante da perspectiva da hermenêutica talmúdica (Junior, 2005, p.316). “...teologia que trata de Deus como se pertencesse ao ser ou à percepção – ao otimismo que uma teologia pode ensinar, que a religião deve esperar, mas sobre o qual o filósofo se cala” (Levinas, 1993, p.101). “[...] aunque problemático, el filósofo no se resigna al silencio, no cede su voz a lo absurdo, no renuncia a su rol profético” (Garcia, 2010, p.169). A filosofia não se calou no anúncio da “morte” de Deus como ponte para o Deus “vivo”. A filosofia a partir de Lévinas, tem como espanto o rosto, como categoria filosófica, uma linguagem que “guarda o poder de uma invisibilidade, de um não manifesto” (Fabri, 1997, p.112). “... Ambos [Nietzsche e Levinas] articulam a vontade em assumir um peso que só pode se realizar após a morte de Deus” (Cohen, 2004, p.5). A acolhida ao outro é mediação a Outrem vivo que responde sem pedir. A escuta desinteressada é profética e é fundada na vulnerabilidade. “[...] o profeta Amós atribuiu seu dom profético ao próprio ouvido: “O Senhor Eterno falou, quem não profetizaria? (Lévinas, 2002, p.40)”. O falso profeta está em “todos podem profetizar”, pois são poucos os verdadeiros profetas. “Profecia que não é um feliz acaso do espírito, uma “genialidade”, mas sua própria espiritualidade: a afeição de si e dos outros, mais forte do que a receptividade que o espera, um escutar e um ouvir ultrapassando a capacidade do ouvido...” (NRT, p.41-42), ouvido profético, em busca do “...ensinamento de uma regra prática de vida inspirado pelo amor desinteressado de Deus. Conhecer a Deus [...] é praticar a justiça e a caridade. Não existem palavras e nem coisas sagradas em si mesmas. É sagrado a conduta dos homens inspirada na justiça e no amor” (Lévinas, DL, 2004, p. 171).

Pela sensibilidade, a “afeição de si e dos outros” já é receptividade do infinito sem ser “pedinte”, à medida que visa o outro primeiro e não o si mesmo; sensibilidade como “uma inversão do *conatus*, uma bondade para além do ser” (Fabri, 1997, p.157). O eu é servido à medida que serve o outro, mantendo relação com o infinito a partir de um amor desinteressado. O que pode ser confundido com um discurso teológico ingênuo. “[...] os leitores ditos críticos [...] denunciam as falsas janelas sobre o além; para eles, igualmente, a transcendência continua significar uma troca de informações com Deus ou uma experiência do sobrenatural” (Lévinas,

2002, p.39). Isto é: “A solidariedade [...] a relação entre o homem e Deus se expressam em termos de compra e venda” (Lévinas, 2004, DL, p.183).

Com os judeus ocorreu uma relação autêntica com o divino, mesmo perseguidos tiveram a experiência do “Altíssimo”, quem, que não eles, teria maiores razões para ignorá-Lo?. No cotidiano confunde-se experiência de Deus nas igrejas, cultos ou meditações pacíficas, sem traumas ou sofrimentos. Na ética levinasiana, é a experiência do outro a partir da vivência traumática do sofrimento que desperta a idéia de infinito. O trauma é inseparável do acontecimento ético, mesmo sendo um paradoxo. Faz emergir sensibilidade e vulnerabilidade, permitindo “[...] um escutar e um ouvir, ultrapassando a capacidade do ouvido, possibilidade impossível, ou milagre, o mais recôndito, do existir humano, e, talvez, a própria maneira pela qual o espírito penetra a natureza”(Lévinas, 2002, p.41). “[...] Carl Schmitt escrevia “A relação de si próprio no Outro, é isso o verdadeiro infinito” [...]. É um trabalho incessante do luto e da hospitalidade do outro em mim e fora de mim. Que nunca termina. Que nunca termina de terminar e de me de-terminar” (Maldonato, 2004, p. 121). O eu está sempre implicado no outro. O “encontro” com o outro é o encontro com Outrem, uma “relação” de pura gratuidade a partir do que se tem de mais valioso, a vida. Sem esta, nada seria possível. Sem questionar Outrem, pelo contrário. “[...] é precisamente propor o Eu (Moi) como já questionado pelo Outro [...] como criticado na própria retidão de seu movimento [...] Como o pensamento espontâneo haveria de criticar-se, se o Outro, o Exterior, não o questionasse?” (Lévinas, 1993, p.65). O eu nessa condição de escuta se torna pura receptividade ao outro, permitindo sua abertura a partir da palavra.

### **Escuta da palavra que liberta o outro**

Lévinas (2007) aponta que pela linguagem, um ser existe para o outro, permite uma existência que é mais que uma existência interior. Pela escuta atenta, o outro se liberta da solidão pela palavra e se torna abertura. Para Lévinas a palavra é o “absolutamente outro”. Não pode ser aprisionado como significação, por isso permanece na pura escuta, sem qualquer julgamento ou conceito. Deixar que fale sem intervir a partir de um suposto saber, pois o outro é “mestre” pela idéia de infinito. O outro me impacta e traumatiza pela fala, pelo silêncio, pelo isolamento e

pelo sofrimento. “O isolamento e o sofrimento foram característica do judaísmo e, por excelência, do profeta, arauto de outra ordem, messiânica, de justiça” (Buck, 1987, p.54). Este silêncio é falante e não pode ser compreendido pelo discurso ontológico ou reduzido a um suposto saber psicanalítico. “Nenhum dito se iguala a sinceridade do Dizer” (Lévinas, 1994, p. 229). Onde “falha” a palavra, surge o “há [il y a]. A princípio, desta “fala” emerge um murmúrio que aterroriza. “Deste modo, a sinceridade seria um Dizer sem Dito, um falar para não dizer nada...” (Levinas, 1994, p.230), e, um ouvir para “não escutar nada” da grandeza de Outrem, não contido na escuta humana. Porém, tanto na fala como na escuta, se diz e se houve algo, embora sempre aquém do que “aparece”. Mas, diante do anonimato, desconhecido, do não familiar, também pode emergir o infinito, o mistério que faz oscilar o eu entre o temor e apreciação por instantes de coragem<sup>2</sup> de ser, um desejo de esperança e liberdade. “Na obscuridade da pura facticidade, no deserto do ser e sua indeterminação em que é jogado o sujeito, insere-se a esperança” (Lévinas, 2008, p.65). “No momento em que tudo está perdido - O desenvolvimento de amizade entre Judeus e Cristãos solidificou a esperança de tal modo a tudo ser possível mesmo, mesmo diante do mal da despersonalização e do anonimato do anti-semitismo, assassinato e guerra” (Morrison, 2001 p.317). O mesmo ouvido que teme o anonimato pode experimentar Deus, que segundo Boff (1999), tira o mistério do universo do anonimato e lhe confere um nome, o de nossa reverência e de nosso afeto. Laing, psiquiatra, em sua luta anti-manicômio, se aventurou atribuir a presença de “entidades” na alucinação do esquizofrênico, a “escuta” [“enlouquecedora”] do infinito e a impossibilidade de reduzir o esquizofrênico em “seu *pathos*”. Nesse caso, o “il y a” seria Outrem via mediação “maligna” visando despertar e sensibilizar o eu, no momento, sem poder integrar tamanha dimensão. O judeu é diferenciado de um “crente comum”<sup>3</sup> pelo mal do trauma da perseguição de seu povo. “A relação com o infinito é [...] irrepresentável [...] No obstante, o infinito não exclui a busca, é dizer, sua ausência não é pura ausência” (Lévinas, 1994,

---

<sup>2</sup> Embora “Il y a” tenha o sentido de terror e puro anonimato, não é estático, oscila entre o temor e a coragem, entre a recusa e enfrentamento do que lhe causa temor. O sujeito pode experimentar o mal e ter noção do mistério do bem, pois mal e bem são “irmãos gêmeos”..

<sup>3</sup> Uma tentativa de nomear o anúncio de uma crença de um Deus protetor e pacífico ou irado [para os fora da lei divina], que “responde aos pedintes” dentro da lógica tradicional de ética sem trauma, não anárquica, ética do “sentido”.

p.131). Não é tematizado mas é presença que sustenta a continuidade da busca e escuta.

Vimos então que mesmo ao ouvido de uma escuta profética o outro não se torna tema, o que nos coloca frente ao mistério de continua busca pela exterioridade. Mesmo sua ausência não ser pura ausência, “não exclui a busca”. Há a “presença de uma ausência”, um vestígio “fala” do invisível, como impossibilidade de escuta. “[...] uma voz que comanda: uma ordem a mim significada, de não ficar indiferente [...] ordem de responder pela vida de outro homem” (Levinas, 2009, p.217). Não se deixa comunicar, pois é de outra ordem que não a ontológica. Levinas fala de “um escutar e um ouvir ultrapassando a capacidade do ouvido”. Isto é, essas palavras contém mais dizeres do que podemos escutar. Um dizer excessivo que se recusa desvelar, que atrai um “ouvido metafísico”, pois no “absoluto” silêncio, “há” um dizer que não é escutado pelo ouvido [físico] humano. Não há silêncio absoluto, não há o “nada” da morte do outro que me responsabiliza por ela.

Lévinas aponta duas situações em que se constituem dois modos de vida com respectiva forma de poder. Por um lado, uma vida de apegos e cuidado de si, “uma vida curta”, e, por outro lado, “uma vida longa” e saudável, destinada ao outro. Dois polos opostos e “necessários” à ética anárquica levinasiana.

#### **a) “Vida perigosa, uma vida curta”**

Em *De Deus que vem a idéia*, Lévinas (2008), escreve que “o egoísmo do Eu [...] é posto às avessas, é revirado como uma veste” (p.65). Um discurso que se destina ao “acolhimento ao outro”, visando a si mesmo, precisa se *justificar*, não se sustenta por muito tempo sem ser colocado “às avessas”. Assim como uma escuta autêntica, profunda pode ser feita por profetas, Lévinas (1993), adverte que há falsos profetas. Ao escutar o outro focando os próprios interesses, o poder é centrado em si mesmo, não cooperativo. “[...] centrado em si mesmo, compete contra os outros, (Kunz, 1998, p.68)”. “O genio maligno não se manifesta em si mesmo em seu estado de mentira, ele permanece, como possível, atrás das coisas nas quais se manifestam como boas” (Lévinas, 1991, p.90). Nesse disfarce para o bem, há busca ingênua de plenitude do eu via identidade de uma consciência de cogito e alienante, excluindo o outro.

A origem da “vida perigosa”, do trágico é ser condenado em ser si-mesmo. O equilíbrio aparentemente incontestável de viver a partir de si é posto em jogo. Da impossibilidade de escapar da fatalidade de ser. “...é a consciência de si, ela mesma que se desintegra. Vivencia a náusea, pela incapacidade de ser o que se é a partir de si mesmo. A psicanálise atesta a instabilidade e o caráter falacioso da consciência consigo no *cogito*...”(Lévinas, 1993, p. 83). “A morte torna sem sentido todo cuidado que o Eu (Moi) gostaria de ter para com sua existência e destino. É uma tarefa sem saída e sempre ridícula, pois nada é mais cômico que o cuidado que um ser destinado à destruição tem para consigo (Lévinas, 1993, p.101)”. O sentido da morte está na destinação do cuidado de si para o cuidado do outro. O cuidado de si, não garante a “salvação” do eu sem consciência de ser pelo outro. “Viver na pretensa plenitude de empresas e de gozos, viver uma vida dita intensa de apetites e de ambições [...] é viver uma *vida perigosa, uma vida curta, é morrer*”(Lévinas, 2002, p.61). “A fruição é solitária;[...] É preciso que na autonomia da fruição se produza uma heteronomia que conduza a outro destino que a complacência animal em si (Lévinas, TI, 2008, p.132-33)”. “Nós vivemos na consciência da consciência, mas a consciência da consciência não é reflexão. Não é saber mas gozo [...] o egoísmo da vida” (Levinas, 1991, p.112).O que Lévinas aponta não é o cuidado em si mesmo, como fundamento do registro subjetivo do eu, mas reduzir de modo egoísta, a vida ao cuidado de si, o que não teria significado. O eu se constitui sujeito a partir do cuidado e em “seguida” potencializa o cuidado do outro. Ao contrário, descuidar o sujeito em seu nascimento, seria negá-lo. É normal à criança e não ao adulto ser narcisista. O eu transcende a “condição animal” no acolhimento do outro. Se, no sentido sartreano, não há natureza, mas condição humana, o eu torna-se humano ao ultrapassar sua condição animal, a partir da convocação ética.

Na concepção religiosa alienante o eu “garantia” a salvação de si vivendo no egoísmo, desde que prestasse conta ao outro divino, a partir de uma “fé sem obras” e, mesmo assim, com desapontamentos, pois o pedinte nem sempre era “atendido” por Outrem. “[...] a crise de sentido é ressentida pelos contemporâneos como uma crise do monoteísmo [...] o deus permanecia unido ao mundo [...] um deus a quem se apresenta como pedinte” (Lévinas, 1993, p.470), sem prestar conta do outro em seu mistério. “Todo o respeito pelo ‘mistério humano’, é denunciado,

consequentemente, como ignorância e opressão” (Lévinas, 1993, p.110). Era o si mesmo que contava com “ajuda” de Outrem, com desapontamento.

O sentido do eu está em Outrem se o projeto for destinado ao outro o que garante que a própria morte não seja um absurdo. Outrem não aguarda o final da existência do eu para “julgá-lo”. “A própria justiça divina exigirá sua manifestação no tribunal terrestre para se revestir de fraternidade humana” (Lévinas, 2002, p.21). Na fraternidade se evita em ter que passar pela “justiça divina”. A relação com Outrem não é no “juízo final”, mas antes mesmo do próprio nascimento. O eu fica intacto, sem a menor influência de Outrem. É plenamente responsável por si e pelo outro mas pode se recusar em desenvolver o potencial a partir da convocação ética, continuando ser sem o outro, um ser incompleto. É este o principal “castigo” e não a “ira” de Outrem, como se concebia na tradição teológica, pois, não deixou de servir ao outro, senão a si mesmo. E, uma vida plena de ocupações visando o si mesmo, não é um simples problema narcisista, mas a recusa do próprio desenvolvimento, recusa de si. O eu é constantemente “julgado” pelo “tribunal terrestre” onde é parte ou não da “fraternidade humana”, e nisto há visibilidade e possibilidade de afirmação ou negação, acolher ou não acolher o outro. Nunca é tarde para colocar o egoísmo “às avessas” A possibilidade de ser para outro nunca se fecha, é sempre ligada ao perdão “...o retorno, um esforço que procura arrependimento, ou a reconquista da base moral” (Morgan, 2007, p. 459). O pecador que pede perdão torna-se o “senhor” do retorno<sup>4</sup>. Aquele que “domina sua tendência má” (Lévinas, NIT, 2002, p.58) pode se tornar verdadeiro profeta. Até não ocorrer a integração do mal à consciência, isto é, transformação para o outro, este modo de ser visa o eu em detrimento do outro. Lévinas fala da bipolaridade axiológica. “Mas o mal pretende ser o contemporâneo, o igual, e o irmão gêmeo do Bem<sup>5</sup>. [...] a anárquica submissão ao Bem não seria mais an-árquica e equivaleria à demonstração de Deus [...] ao otimismo que uma teologia pode ensinar, que a religião deve esperar, mas sobre o qual o filósofo se cala”

---

<sup>4</sup> O atual Papa [Francisco] logo após a eleição, no primeiro *Ângelus* Dominical referiu que “Deus nunca se cansa de perdoar, nós cansamos de pedir perdão”.

<sup>5</sup> Irmão gêmeo é “proximidade e confiança”. Os falsos profetas atraem o outro muitas vezes com mecanismos mais sedutores que os verdadeiros profetas, conduzindo o outro em ainda maior confusão mental. Falsos discursos, falsos escritos, extensa literatura de auto-ajuda, enganando o outro, explorando, alienando, uma “presa” fácil na “mão” do eu que aproveita a traumaticidade e vulnerabilidade do outro para fins próprios, sem pensar no bem do outro. Emergindo o tempo todo “receitas” novas para a felicidade, novos enganos, falsas idéias facilmente vendidas por “consumidores” desesperados por acolhida humana leal e autêntica.

(Lévinas, 1993, p.100-01). A teologia e a filosofia que excluíram o outro, renovam sua tarefa a partir da ética anárquica.

A partir da convocação ética emerge uma nova forma de poder, estranho ao ser traumático e vulnerável, que já era ético porque foi vítima do sofrimento. No sentido ético anárquico, o fortalecimento se alimenta da própria fraqueza, pois é bondade.

### **b)“Vida tranqüila e medíocre, uma vida longa”**

Na vulnerabilidade a forma de poder predominante é servir e cooperar com o outro a partir da “sabedoria do amor”. “Poder é mais que entendimento, esforço e satisfação [...] é servir os outros, cooperando com os outros (Kunz, 1998, p.68). Ao pedir aos anciãos de Neguev: - Quem de vós chamais de forte? Disseram-lhe: Aquele que domina sua tendência má (Levinas, 2002, p.58). Integrar o mal na consciência<sup>6</sup> [aquele que domina sua tendência má] é uma forma de poder autêntico. Frente ao outro é preciso uma constante retomada ética. Behaviour (1981) refere que Sartre mantinha um constante questionamento. O discurso ético precisa se renovar constantemente, a partir do espanto e o questionar filosófico incessante frente ao outro que temo e me traumatiza. Lévinas cita a seguinte passagem de Nietzsche em “Humanismo de outro homem”, 1993, p.82): “Amo aquele cuja alma está repleta, de tal modo que ele esquece de si próprio, e todas as coisas estão nele: assim todas as coisas se tornam seu sucumbir” (Nietzsche, Zaratustra. Prólogo 4 ). Alma repleta como plenitude, “super homem”, [Nietzsche], um ser para o outro

---

<sup>6</sup>Em Novas Interpretações Talmúdicadas (Lévinas, 2002), os anciãos de Neguev respondem a várias questões de modo sábio. Uma delas é a definição de sábio: “aquele que prevê o que acontece” (Levinas, 2002, p.46). A psicopatia de Hitler poderia ter sido prevista como um potencial à destruição do outro. Levinas apresenta a literatura talmúdica para “explicar” conteúdos incontidos na tradição grega. Um caráter profético sem “ser religioso” e sem comprometer a inteligibilidade. Não cabe a ironia socrática ao saber que não se sabe. É um saber que não se reduz à razão, “um saber que sabe”, embora não possa ser dito pela linguagem ontológica. Ao definir o forte como aquele que domina sua tendência má, coloca-se de lado o aspecto mítico do mal, facilitando a elaboração do “conceito” de mal sem o “contágio” mítico. O eu porta essa tendência maligna e tem o poder de integrá-la ou não à consciência. Embora Levinas não pactue a idéia de integração do mal, é fato que não constitui uma substância [Agostinho] separada da consciência do sujeito. É uma tendência inerente ao eu que pode assumir um poder maligno, determinando a mente do outro. Portanto, “o domínio da tendência má” [integração do mal à consciência do eu] nem sempre se dá pela vontade do outro, [como ocorre na esquizofrenia paranóide, com potencial homicida], sendo responsabilidade do eu que acolhe para uma suposta integração do conteúdo maligno, prevenindo e prevendo a destruição do outro.

[Lévinas]“disposto” a “sucumbir” em nome da plenitude de si a partir do outro, sendo seu destino. Levinas aponta o extremo do sucumbir de si a partir do outro, um ser capaz de sacrifício. O outro medíocre é traumático mas trás a grandeza [uma vida longa] ausente na consciência do eu que se “fortalece” cuidando de si. “É morte que não é apenas fim de vida, mas nome a dar a toda a vida de prudência e de reserva, de retenção – vida tímida, recolhida, vida tranqüila e medíocre – é talvez saúde e *vida longa*” (Levinas, NIT, 2002, p.61). Vida simples. Contrasta com uma vida “plena” de ocupações, destinada só ao cuidado do eu, representando destruição inevitável. O cuidado de si se destina a destruição, não a uma morte “que não é apenas fim de vida”. Em *Entre Nós*, a “miserabilidade”, carrega o “trauma” como vulnerabilidade e sensibilidade ao outro, que não se reduz a sua miserabilidade, com o poder do infinito. O atributo miserável, [como em Dostoievski] tem um sentido mental, degenerativo, e ao mesmo tempo, como condição para sensibilidade ao outro. Uma vida “sem cuidado” de si. Uma “desvantagem” com ganhos por ter uma sensibilidade ética. O sofrimento mesmo na condição traumática, quando passível de síntese, é a condição para despertar ético. A experiência do outro tem a duração do trauma, não é opcional, mas imposição a partir do mal, do trauma, uma ética anárquica. Em tempo de guerra, não é só o que bate a porta que é traumático, mas o que está dentro de casa “seguro”. O que bate a porta impõe responsabilidade por uma vida que passa ser domínio do eu traumatizado pelo outro [que acolhe ou recusa]. “...não estou livre. Originariamente estou em falta. O eu abordado como responsabilidade se desnuda, se expõe ao afeto [...] aberto ao outro, ao que não contém” (Levinas, 1994, p.89). Decidir em não acolher não é um ato de liberdade, mas de recusa à convocação ética.

Diante da vida do outro, estou diante do infinito, uma recusa sempre injustificável, uma prioridade absoluta. “...que vem brutalmente interromper a complacência do bem estar do sujeito” (Kunz, 1998, p.60). A relação com o outro tira o eu do egoísmo pois é uma relação de transcendência, um vivido traumático e perturbador que se manifesta na responsabilidade por ele via desejo desinteressado. Seria ato de liberdade, fazer ao outro o que ninguém faria por mim, a partir de uma atitude singular. Da identidade de uma consciência de cogito, alienante, para uma identidade a partir da acolhida ao outro. Portanto, há apenas um modo autêntico em acolher o outro. O falso profeta se confunde com o verdadeiro

profeta, mas em um tempo [determinado] de duração. O bem e o mal “não são unívocos, não são recíprocos, e o mal perde o privilégio diante da “excelência” do bem” (Susin, 1984, p.232).

### **Considerações finais**

O trabalho apresentou duas atitudes opostas em relação ao outro. Por um lado, uma vida curta está associada a consciência de si, “ilusão identitária” desejo [finito] pelo outro para atender ao egoísmo do eu, alimentando-se do poder a partir da redução do outro aos próprios interesses, mesmo prometendo a integração ao bem. Por outro lado, uma vida longa, que se articula a partir do desejo [infinito] pelo outro. Apodera-se na acolhida ao outro, tendo a responsabilidade como identidade. Mas há uma participação misteriosa e necessária do mal, pólo oposto ao bem, como condição para a sua renovação, mesmo não havendo reconciliação entre os dois. O falso profeta pode ser confundido com o verdadeiro profeta, mas é denunciado pelo bem. Ambos se destinam ao outro, o primeiro visando o si mesmo, e o segundo visando o outro. “Vida longa” e “vida curta”, são caracterizadas por uma dimensão ética, não uma vida de “carne e osso”. Em fim, só há um caminho para a ética: seguir o bem.

A prophetic and not prophetic listening in alterity: a reflection from the Levinas ethics

**Abstract:** This reflection addresses two ways of welcoming the other in suffering, through prophetic and not prophetic nature. On the one side it refers the listening to the other, seeking the interests of the self, with omnipotent attitude, self-awareness and lack of sensibility. It is associated with alienating theological discourse, articulated by false prophets. The other trend, welcome the other in their misery, taking the responsibility to him as the conditions of subjective identity by a relation to heteronomy associated with the speech of true prophet. These ways of hospitality represent two poles that are treacherous to each other, the neighborhood of sisterhood between good and evil, good and bad prophet.

**Keywords:** listening, good, evil, prophet.

## Referencias

BEHAVIOUR, Simone. *A cerimônia do adeus*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1981.

BOFF, L. *Saber Cuidar-Ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.99-101).

BUCKS, René. *A Bíblia e a ética – A relação entre a filosofia e a Sagrada Escritura nas obras de Lévinas*. São Paulo, Edições Loyola, 1987.

COHEN, Richard, A. *Ethic Exegesis and philosophy - Interpretation after Levinas*. UK, Cambridge University Press, 2004. <http://www.abebooks.com/Ethics-Exegesis-Philosophy-Interpretation-after-Levinas/6620409559/bd>

FABRI, Marcelo. *Desencantando a Ontologia: Subjetividade e Sentido Ético em Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

GARCIA, Juan C. Aguirre. *Sufrimento, verdad y justicia*. Colombia. Alpha 25 anos Edición Aniversario, 1985-2010.

JUNIOR, Nilo Ribeiro. *Sabedoria do Amor – a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas*. São Paulo. Tomo 1, Edições Loyola, 2005.

KUNZ, Geoge. *The Paradox of Power and Weakness – Levinas and Alternative Paradigm of Psychology*. New York. State University of New York Press, 1998. [http://books.google.com.br/books?id=3YDaO40oMelC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage](http://books.google.com.br/books?id=3YDaO40oMelC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage)

LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis, 1993.

\_\_\_\_\_. *Difícil libertad y otros ensayos sobre judaísmo*. Buenos Aires. Ediciones Lilmod. Traducion y introdución de Manuel Mauer, 2004.

\_\_\_\_\_. *Entre nós – Ensaio sobre a alteridade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

\_\_\_\_\_. *Dios, lamuerte y el tiempo*. Madrid, Editions Grasset, 1994.

\_\_\_\_\_. *Totality and Infinity*. Netherlands, Cluwer academic Publisher, 1991.

\_\_\_\_\_. *De Deus que vem a idéia*. Petrópolis, Editora Vozes, 2008.

Maldonato, M. *Arquipélago identidade – O declínio do sujeito autocêntrico e o nascimento do eu múltiplo*. Revista Latinoam. Pricopat. Fund. VIII. 2005).

MAURO, M. *Raízes errantes*. São Paulo, Sesc São Paulo, 2004.

MORGAM, M. J. *Discovering Levinas*. New York. Cambridge University Press, 2007. <http://www.abebooks.com/Ethics-Exegesis-Philosophy-Interpretation-after-Levinas/6620409559/bd>

STAUFFER, J; & BERGO, B.G. *Nietzsche and Lévinas – “After death of a certain God”*. New York, Columbia University Press, 2009.

SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Lévinas*. Coedição: Escola Superior de Teologia São Lourenço de brindes - Porto Alegre e Editora Vozes, Petrópolis – Rio de Janeiro, 1984.

Texto científico recebido em: 11/01/2015

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/05/2015

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.